

A TEORIA DA LITERATURA E A ESCOLA BRASILEIRA

Regina Zelberman
PUCRS

Com a atribuição, desde os idos da *Poética* de Aristóteles, de conceituar o que entende por poesia, isto é, por criação verbal de natureza artística, a Teoria da Literatura procura chegar a algum resultado positivo analisando um patrimônio já existente constituído por obras que se utilizam da escrita e circulam na sociedade. Porém, talvez por razões econômicas, a Teoria da Literatura não examina a totalidade do acervo com que se depara, senão que lida com um conjunto previamente selecionado de textos, ignorando os que não foram admitidos à sua consideração. Aristóteles, de modo pioneiro, privilegiou a tragédia e a epopéia, silenciando sobre a novela e a comédia de seu tempo; e, em cima de um grupo restrito de textos e autores, construiu, como farão subsequenteiramente seus seguidores, uma teoria sobre a poesia, os melhores modos de composição, os gêneros em que ela se divide e os efeitos que desencadeia no público.

Robert Escarpit, em pesquisa de direção diametralmente oposta, verificou quantos e quais autores pertencem ao patrimônio a que é conferido o estatuto de arte literária pelas instituições credenciadas. Seu levantamento, consultados dicionários, enciclopédias, manuais de história da literatura, teses universitárias, levou-o a encontrar, dentre uma produção de aproximadamente 450 anos, apenas 937 nomes, os quais consistem a Literatura Francesa, estudada e conservada pela sociedade através de seus aparelhos. Eis por que conclui ser uma *antologia* o objeto chamado

Literatura e assunto de uma ciência que existe para confirmar aquele de antemão sabidamente reconhecido caráter antológico.

Encarregada do ensino da literatura e da difusão de um saber cultural, a escola reproduz literalmente o que a Poética no passado e a Teoria da Literatura no presente escolheram. A escola não elabora um conceito próprio e diferenciado de literatura, limitando-se a providenciar no aumento do círculo de consumidores da antologia. Seu veículo mais conhecido é o livro didático, que, com suas variações (seleta, apostila, manual de história da literatura, guia de leitura), consiste na antologia da antologia; mas o mesmo se passa com outros instrumentos seus, como as listas de livros cuja leitura antecipada é exigida aos inscritos em algum exame de seleção.

No plano da dinâmica em sala de aula, as expectativas do ensino de literatura são também simultaneamente reprodutoras e seletivas; lêem-se boas obras, já sacramentadas pela tradição e seus mecanismos de difusão, para que se forme o juízo elevado, aquele que, educado, dará preferência a criações de teor similar às que constituem a antologia, reforçando sua autoridade; e porque consistem em modelos de uso correto das virtualidades da linguagem verbal, cabendo imitá-las, reproduzi-las portanto.

Se, por este lado, a escola não propõe uma noção original de literatura, nem de leitura, senão que alarga o espaço de aplicações de conceitos já existentes, por outro, ela revela a antologia que as instituições culturais estão interessadas em reproduzir nos distintos graus de ensino. Faculta conhecer qual antologia vigora, isto é, qual conceito de literatura circula na sociedade e como ele se distribui nos vários graus da aprendizagem.

Logo, é possível conhecer qual e como a literatura é lida, verificando seu modo de circulação e consumo na escola e na universidade. A legislação, os livros didáticos, os manuais de história da literatura, as listas de leitura elaboradas para os exames de seleção ou a dinâmica empregada para o ensino da literatura são indicadores importantes e permitem observar que:

1º) Até 1960, e mesmo até 1970, a presença da literatura nos níveis iniciais (primário e ginásio) pautava-se

— pela visão da leitura como meio, conforme afirma Lourenço Filho na apresentação de Pedrinho, série de livros destinados ao primário:

Ler por ler nada significa. A leitura é um meio, um instrumento, e nenhum instrumento vale por si só, mas pelo bom emprego que dele chegemos a fazer. O que mais importa na fase de transição, a que este livro se destina, são os hábitos que as crianças possam tomar em face de texto escrito¹.

A leitura, nesta perspectiva, serve para:

— aprender a norma culta:

O conhecimento do vocabulário, da ortografia, da pontuação e das formas e construções corretas será sobretudo adquirido mediante considerações expedidas a propósito dos textos de leitura; e dos fatos neles observados deduzirão os próprios alunos, auxiliados pelo professor, as regras de boa linguagem consignadas na gramática expositiva².

— conservar e defender o padrão elevado da língua de que a literatura é guardiã:

1. Em todo este curso de português o professor se esforçará por incutir nos alunos o amor da língua, o zelo dela traduzido no desejo de manejá-la bem e de protegê-la das forças dissolventes que estão continuamente a assaltá-la.

2. Sobretudo os fará respeitosa da sua modalidade mais nobre — a língua literária, visto ser esta a de mais importante papel social e político e, ao mesmo tempo, um dos mais fortes fatores de progresso, por constituir, através das idades, um fio de transmissão de geração para geração e, no espaço, um laço de aproximação dos contemporâneos, evitando, de um e outro modo, o estéril isolamento do homem³.

— inculcar valores e incutir o bom gosto:

Escolhemos os (assuntos) mais próprios para lhes despertarem nos ânimos o respeito da religião, o amor da pátria e da família, excitando-lhes ao mesmo tempo os sentimentos mais elevados, e desenvolvendo *pari passu* a imaginação e o bom gosto literário⁴.

— assumir a cidadania:

Num espaço de tempo tão curto, sob o efeito eficaz de uma instrução contínua, o espírito bronco do rapaz, que da vida, aos vinte e um anos, só conhecia o cavalo e o campo, já se sentia desencilhado da nômade ignorância da campanha natalícia. Rapidamente aprendera a ler e já sabia assinar o nome. Foi um verdadeiro milagre. Pouco a pouco um gênio familiar e tocante, uma viva centelha invisível incutia no quartel, à coletividade dos conscritos, as primeiras noções da Pátria. Na sua totalidade filhos das colônias sem escolas, das campinas abandonadas, onde lá uma que outra aula existe muitas vezes num raio de oito a dez léguas de distância, só no quartel encontravam os jovens soldados quem lhes alumiasse um pouco o espírito, fazendo-lhes ver acima dos interesses pessoais, das pequenas exigências egoísticas do Eu, a razão de ser da nacionalidade. Começavam aos poucos a amar a sua história, a compreender os seus símbolos e a sentir a vitalidade do seu sangue⁵.

— adquirir conhecimentos e obter vantagens pessoais:

A leitura é o mais seguro veículo do estudo e do saber, o meio de seleção dos valores espirituais, a verdadeira chave do êxito. Através da leitura e do estudo aprende-se a viver e a triunfar na luta pela existência⁶.

— pela transmissão do patrimônio da literatura brasileira, conforme exigia José Veríssimo no início deste século,

Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessárias reformas é a do livro de leitura. Cumpra que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime⁷.

O que é realizado pela escola segundo testemunha a memória de escritores brasileiros de épocas distintas:

As minhas primeiras leituras, na época em que estudava preparatórios (1885-1890), foram feitas em almanaques, seletas e pequenos manuais enciclopédicos, de que me resultaram os primeiros conhecimentos com os autores nacionais e portugueses mais em voga. Recordo-me do entusiasmo, ainda hoje conservado, com que lia e decorava as poesias de Castro Alves, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Tobias Barreto, Casimiro de Abreu, Guerra Junqueiro, Tomás Ribeiro...⁸

Era um pedaço da Seleta clássica, que até me divertia. Lá vinha o Paquequer rolando de cascata em cascata, do trecho de José de Alencar. (...) A "Queimada" de Castro Alves e o há dous mil anos te mandei meu grito das "Vozes da África". E a história do lavrador que antes de morrer chamara os filhos para um conselho. (...) Esses trechos da Seleta Clássica, de tão repetidos, já ficavam íntimos da minha memória⁹.

Em me lembro, eu me lembro, era pequeno
o mar bramia e o meu desejo entre as pernas da
vizinha já latia. Mas por que tenho que ser o res-
ponsável pelo certo e pelo torto? e além do "Cão
Veludo" — magro, asqueroso, revoltante e imundo
— ser também "O Pequenino Morto"? Não, não
quero ficar aqui empacado ao pé da serra perden-
do o melhor da festa

— sigo para a "Última Corrida de Touros em
Salvaterra".

Sou um índio guarani cantando óperas
na fúria das ditaduras? Não, não quero ficar aqui
com alma arrebanhada
quero "O Estouro da Boiada". Cansei
de ser aquele menino com o dedinho estúpido
num dique seco da Holanda

— que inundem os campos de tulipa numa
florida ciranda¹⁰.

— pela escolha de uma metodologia caracterizada pela leitura
em voz alta, resposta aos questionários de interpretação e cópia.
Os trechos a seguir reproduzidos explicitam as técnicas de trabalho
propostas.

O trabalho de assimilação das formas literárias
pelo aluno se operará nas seguintes condições:

a) imitando ele a leitura expressiva da professo-
ra;

b) lendo por sua vez a interpretação do trecho
literário,

c) respondendo ao questionário que esclarece
e confirma a interpretação feita; e, mais tarde,
lendo o comentário e tomando parte na conversa-
ção,

d) copiando o trecho literário, cuja ortografia
e pontuação vão ser imitadas,

e) lendo, aplicadas desde logo em frases e sen-
tenças usuais, as expressões literárias que vão fazer

parte do seu vocabulário;

f) lendo em manuscrito e escrevendo o ditado
da reprodução do texto original¹¹.

Nos três volumes anteriores; o principal fito da
compilação foi fornecer base para os exercícios
orais de reprodução do lido e ampliação do vocabu-
lário; do presente até o último, é seu intento,
ampliando ainda e sempre o vocabulário, inspirar,
pelo prática e pelo comércio contínuo com os bons
modelos, o gosto literário, nos ensaios de composi-
ção sobre diversos gêneros, a que será solicitado
o aluno¹².

Da leitura, em voz alta ou silenciosa, dos textos
mais atraentes pelo assunto e mais dignos de aten-
ção pela linguagem e pela forma, terão naturalmen-
te os professores o cuidado de induzir os alunos a
que tirem todo o proveito possível. Merecerão
alguns ser lidos, interpretados e comentados mais
de uma vez, em dias diferentes, a fim de que da
apreciação geral se possa passar ao estudo minucio-
so do vocabulário, do estilo, das originalidades de
expressão. Não esquecerão os professores, de cer-
to, que apenas lhes incumbe explicar aos discípu-
los, no momento oportuno, o que não sejam eles
capazes de por si mesmos compreender e julgar¹³.

2º) Posteriormente a 1970, ocorrem as seguintes modifica-
ções:

— O conhecimento do patrimônio da literatura brasileira fi-
ca aos cuidados do 2º grau e, sobretudo, dos cursos de Letras.
Estes se encarregam do ensino das literaturas vernáculas (a litera-
tura portuguesa apenas esporadicamente é estudada no 2º grau) e
adotam de preferência a perspectiva cronológica, mesmo quando
esta é exigida antecipadamente nos vestibulares de acesso ao
3º grau.

— As leituras escolhidas pelos professores de 1º e 2º graus provêm da literatura contemporânea, o 2º grau preferindo gêneros modernos, nos quais predominam textos breves, como a crônica, o conto e a novela, o 1º grau optando pela literatura infantil e juvenil.

— Mesmo quando a dinâmica em sala de aula tende a usar o texto como meio para atividades mais relacionadas ao ensino da língua portuguesa e da gramática, essas incorporam denominações mais atualizadas: buscando ser coerentes com o nome da disciplina que as convoca, tornam-se motivos para exercícios de expressão e produção criativa. A proposta de Carlos Emílio Faraço e Francisco de Moura traduz a postura mais recente relativa ao trabalho com textos literários em sala de aula:

B. ESTRUTURA DE CADA UNIDADE

O professor pode notar que:

- a. o texto é o ponto de partida para toda as atividades;
- b. a Expressão Oral e Escrita propõe um conjunto de atividades inter-relacionadas;
- c. a redação é o comportamento terminal de cada unidade.

TEXTO

Expressão Oral

- I. Vamos conversar sobre o texto.
- II. Agora, vamos treinar entonação.
- III. Discussão sobre o texto.

Expressão Escrita

- I. Vamos escrever sobre o texto.
- II. Vamos aumentar nosso vocabulário.
- III. Vamos pontuar.
- IV. Vamos nos expressar de outra forma.

GRAMÁTICA COMUNICAÇÃO DIVERTA-SE EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES REDAÇÃO

* Essa atividade não aparece em todas as unidades¹⁴

Como resultado das modificações, observa-se que:

a) estreitou-se o espaço da literatura "clássica" brasileira e portuguesa na escola básica, quase chegando à sua eliminação, sendo que as propostas vistas como renovadoras coincidem com a ausência declarada daquele tipo de leitura;

b) nestas propostas inovadoras, a presença do livro considerado mais atual e mais adaptado às características etárias e culturais do aluno visa promover a leitura, estimular o gosto pela literatura e fortalecer o número de seus consumidores. Em outras palavras, incentivar o ato de ler como atividade que possui significado e valor de si mesmo, não precisando ultrapassar o âmbito individual, nem se converter em veículo para algum tipo de ação objetiva e mensurável.

A mudança parece operar-se no sentido da valorização da leitura, em detrimento da aquisição de certo tipo de cultura literária, tarefa assumida a posteriori pelos cursos de Letras que a destinam a seu círculo específico de frequentadores.

Cabe perguntar o que determinou tais mudanças. Poder-se-ia crer, num primeiro momento, que os créditos podem ser atribuídos à Teoria da Literatura, que, em muitos casos, englobou a seu campo especulativo a literatura infantil e/ou as teses da estética da recepção. Num segundo momento, a um empenho por parte dos educadores em dotar o ensino de uma prática mais comprometida com a realidade da criança e do jovem e com a atualidade e experiência do leitor. Todavia, em ambas as circunstâncias, o efeito passaria pela causa, segundo uma ótica enganadora.

De fato, tanto a Teoria da Literatura, como a prática de ensino de literatura em sala de aula, a primeira esforçando-se (quan-

do o faz) em refletir sobre os novos fenômenos de leitura consumidos dentro e fora da escola, a segundo alterando o(s) tipo(s) de obra literária com que opera, reagem a transformações ocorridas na sociedade brasileira. A principal delas decorreu da necessidade de escolarizar com rapidez, não obrigatoriamente com eficiência, a população, como maneira de acompanhar, e mesmo acelerar, a modernização da sociedade.

Porém, a expansão da escola, ato que pode ter cunho democrático, não rompeu com o caráter desigual da organização social, porque:

a) conservou o binômico escola pública X escola particular e rebaixou a qualidade da primeira, de modo que garantiu à elite a possibilidade de continuar obtendo uma educação de nível superior;

b) não assumiu o encargo da formação dos professores: facilitou o aparecimento de inúmeras faculdades privadas que podiam conceder títulos acadêmicos, sem se responsabilizarem pela qualidade do ensino que propiciavam. Como houve grande necessidade de docentes para atender à rede escolar em crescimento, a formação apressada foi validada pelas instituições oficiais; mas, ao mesmo tempo, a profissão decorrente foi aviltada, aceita somente pelos que viam neste título universitário sua oportunidade de ascensão. O recrutamento de professores fez-se cada vez mais em segmentos social e culturalmente menos favorecidos, aqueles que precisariam de maior quantidade de informação durante sua trajetória acadêmica, que, todavia, não lhes foi transmitida.

Por estas razões, o curso de Letras encampou cada vez mais a tarefa de introduzir o estudante ao conhecimento das literaturas vernáculas; enquanto que o ensino de 1^o e 2^o graus foi, paulatinamente, abdicando dela. A sala de aula tornou-se o ponto de encontro de dois leitores de formação precária, o professor e o aluno, virtualmente não leitores. "Começar de novo" talvez tenha se tornado palavra de ordem, uma maneira de mútua convocação à reconstrução. Eis talvez por que a literatura infantil e a ficção para jovens passaram a dispor de um lugar e um prestígio até então desconhecidos por ambos os gêneros, configurando uma

outra antologia, agora com componentes iniciatórios, porque lhe cabe cativar o leitor neófito e incentivá-lo a vôos mais altos, alcançando então a antologia autêntica.

Significa a mudança, isto é, a tendência à consolidação de uma antologia até então desprestigiada, a formulação de novo conceito de literatura? Ela equivale à infiltração da teoria da leitura escolar na Teoria da Literatura? De certa maneira, sim, porque as teses desenvolvidas pela estética da recepção e pela sociologia da literatura (na França e Alemanha, por exemplo), que dão suporte teórico às investigações sobre o ato de ler e o papel da escola, não deixam de responder a problemas simultâneos, mas nem sempre idênticos, relativos à chamada crise de leitura.

Por outro lado, a resposta é negativa, porque a mudança do patrimônio literário na escola e na universidade não resulta de um processo de democratização do ensino, e sim do aprofundamento dos problemas que marcaram a educação nacional e determinaram sua natureza elitista. E esta continua sendo reproduzida e reforçada, pois a grande literatura, a da antologia, permanece inacessível aos setores mais populosos da organização social brasileira.

No limite, a Teoria da Literatura reflete sobre o ato individual da leitura, o que pode ter, e vem tendo, repercussões significativas no âmbito da sala de aula. Porém, evita pensar sobre modos de popularização de seu objeto que se coloquem além e adiante dos meios institucionais de que previamente dispõe: a crítica literária, a academia, a universidade, a escola. Arrisca-se, assim, a permanecer confinada, aumentando o abismo que separa a literatura, com as virtudes que pertencem à sua natureza, daquilo que lhe dá existência e sentido: o público leitor, provenha ele de onde vier.

NOTAS

- ¹ Lourenço Filho, M.D. **Pedrinho**. 1.º livro. 8. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959, p. 128.
- ² Portaria n.º 172 de 15 de julho de 1942. Instruções metodológicas para a execução do programa de português. In: Cruz, José Marques da. **Selecta**. Português prático para a 1.ª e 2.ª série do curso secundário. 8. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1951, p. 13.
- ³ Id. *ibid.* p. 14.
- ⁴ Pinto, Alfredo Clemente. Prólogo (à primeira edição, em 1883). **Seleta em prosa e verso** dos melhores autores brasileiros e portugueses. 50. ed. Porto Alegre, Selbach, (1936).
- ⁵ Callage, Roque. **Rincão**. 2. ed. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1924, p. 48 e 49.
- ⁶ Campos, Astério de. Prefácio. In: Gonçalves, Maximiano Augusto. **Seleta literária**. 3. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- ⁷ Veríssimo, José. **A educação nacional**. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1906. p. 06.
- ⁸ Depoimento de Laudelino Freire. In: Rio, João do. **O momento literário**, Rio de Janeiro e Paris, H. Garnier, Livreiro e Editor s.d. p.238.
- ⁹ Rego, José Lins do. **Doidinho**. 25. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 43.
- ¹⁰ Sant'Anna, Affonso Romano de. "O burro, o menino e o Estado Novo". In: Ladeira, Julieta de Godoy (Org.). **Lições de casa**. Exercícios de imaginação. São Paulo, Cultura, 1978, p. 29.
- ¹¹ Joviano, A. **Língua Pátria**. 1.º Livro. Lições para o ensino prático da língua nacional nas escolas primárias. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro, Livraria e Papelaria do Oriente, 1923.
- ¹² Köpke, João. Prefácio. **Quarto livro de leituras** para uso das escolas primárias e secundárias. Edição adaptada ao Curso Sistemático da Língua Materna. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, s.p.
- ¹³ Monteiro, Clóvis. **Nova antologia brasileira** (organizada de acordo com os atuais programas do curso secundário) ou **Curso de língua vernácula** através de trechos escolhidos de autores brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. Rio de Janeiro, Briguiet, 1933, p. 09.
- ¹⁴ Faraco, Carlos Emílio e Moura, Francisco de. **Comunicação em língua portuguesa**. Primeiro grau. 5.ª série. 3. ed. São Paulo, Ática, 1983, p. III.